

UMA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA CIDADE DE DOURADOS-MS: A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA DOS PROFESSORES PARA CONSTRUIR UMA VERSÃO HISTÓRICA, POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL

Tiaki Cintia Togura Faoro

Mestranda do curso de Mestrado em Educação Matemática – UFMS

tiakitogura@gmail.com

Resumo:

O intuito deste artigo é apresentar como a História e a Memória pode ser trabalhada em uma pesquisa qualitativa, na/para a História da Educação Matemática, baseada na metodologia da História Oral. Neste sentido, faremos o uso desta metodologia que nos proporcionará compreender, por meio dos depoimentos dos professores responsáveis pela formação de professores de matemática da cidade de Dourados- MS, o olhar individual e/ou coletivo sobre o processo de criação, implantação e estruturação do curso.

Palavras-chave: História; Memória; História Oral; depoimento; Formação de professores.

1. Introdução

Esta pesquisa está vinculada ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa - HEMEP¹, sendo coordenada pela Professora Doutora Luzia Aparecida de Souza. Este grupo visa contribuir para um mapeamento nos cursos de formação de professores que ensinam matemática no estado de Mato Grosso do Sul, buscando compreender as movimentações para a implantação e efetivação desses cursos. Que a este, também se vincula um grupo maior o GHOEM², que tem como objetivo realizar um mapeamento da formação de professores de Matemática pelo Brasil, numa perspectiva historiográfica, por meio da metodologia da História Oral. As propostas dos grupos possuem objetivo em comum, de mapear a formação de professores. Neste sentido, o grupo HEMEP vem ao encontro do objetivo do GHOEM, criando uma parceria com o GHOEM no projeto de mapeamento no estado de Mato Grosso do Sul com o projeto aprovado pelo CNPq- Conselho Nacional de Pesquisa.

¹ Grupo de Pesquisa, criado em 2011, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, registrado na plataforma de grupos do CNPQ, tem como linhas de pesquisa: Aspectos históricos do ensino e da aprendizagem de matemática; História da formação de professores que ensinam matemática; História oral e narrativa.

² Grupo História Oral e Educação Matemática, criado em 2002, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), sob liderança do Professor Antonio Vicente Marafioti Garnica.

A seguir faremos um breve esboço sobre alguns pontos que consideramos importantes para a compreensão e desenvolvimento desta pesquisa. Inicialmente, compreender algumas terminologias e suas cercanias relacionadas com a memória, história e a História Oral. Isso se faz necessário para que possamos alcançar o objetivo desta pesquisa : criar *uma* versão histórica plausível sobre a formação de professores de Matemática na cidade de Dourados – MS, em meados de 1980 a 1990, por meio da metodologia da História Oral.

2. A História: ponto inicial para compreender o passado

Ao nos colocarmos na ação de construir uma versão histórica de determinado período, fato ou movimento, se faz necessário discutirmos algumas acepções de “História”, haja vista a multiplicidade de significados atribuídos a esta palavra. Optamos por trazer algumas que estão disponíveis em dicionários da língua portuguesa³. Deste modo, trouxemos o verbete "história" do dicionário PRIBERAM, para tanto, optaremos em a descrever a palavra da forma como este dicionário utiliza, visto que, possui uma linguagem simples e direta, neste sentido, história é “narração escrita dos factos [sic] notáveis ocorridos numa sociedade em particular ou em várias, Ciência ou disciplina que estuda factos passados, livro de história, estudo das origens e progressos de uma arte ou ciência.”

De um modo muito similar, ao questionar uma pessoa sobre o que é história, poderíamos receber algumas respostas previsíveis como, por exemplo: "uma forma de estudar o passado", ou "observar e compreender a origem e o progresso da sociedade em geral". Não podemos nos ater somente a esses significados, pois existem outras perspectivas a serem compreendidas. Na visão de historiadores, fazer história é uma forma de resgatar o passado com realmente aconteceu assumindo pensamentos positivistas como Fustel de Coulanges. Neste artigo, pretendemos mostrar outros possíveis “significados” atribuídos a palavra "história", uma outra forma de compreendê-la. Na visão dos pesquisadores em educação matemática, , como Garnica por exemplo, ao realizar uma pesquisa qualitativa na/para a História da Educação Matemática, nos baseamos na busca

³ PRIBERAM, disponível em < <http://www.priberam.pt/dlpo/> >, último acesso em 19 de janeiro de 2013.
MICHAELIS, disponível em < <http://michaelis.uol.com.br> >, último acesso em 19 de janeiro de 2013.

por indícios que nos ajude a criar versões históricas que sejam plausíveis às fontes encontradas, visto a impossibilidade de resgatar o passado.

Uma forma para se tentar compreender algo que se passou, é a utilização de fontes orais e escritas, que permite obter indícios/vestígios para a construção de versões históricas. Na impossibilidade de resgatar o passado, criamos versões baseadas nas fontes encontradas, seguindo critérios de plausibilidade, criamos então, sempre, *uma* versão possível, *uma* história possível. Neste sentido, podemos trazer a fala do professor Antonio Vicente Marafioti Garnica⁴ que ao tentar explicar a criação de versões históricas, se baseou em uma metáfora muito significativa, o passado é algo que não volta mais, ficou para traz, aqui representado pela areia que encoberta um objeto, no qual, gostaríamos de compreender sua história. Percebemos que se passaram muitos anos, devido as grandes camadas de areia sobre o objeto de estudo, mas, para entender o que aconteceu é necessário escavar e observar indícios (analisar como escavar influencia para a compreensão dos indícios) que nos ajude a compreender a história do objeto. A forma como escrevemos, interferir ao como compreendemos os indícios encontrados, assim, criamos versões históricas plausíveis, isso não significa que criamos uma versão mais ou menos verdadeira que outras que poderão ser criadas por outros pesquisadores.

Nessa busca de tentar compreender acepções de história, trazemos à tona um trecho do texto “História e Memória: desafios de uma relação teórica”, de Santos (2007), que contribui ao trazer a visão de inúmeros historiadores sobre história: para mostrar o como podemos compreender sobre história,

(...) um estudo do passado que por uma reflexão cada vez mais dinâmica sobre as relações entre passado e presente. A veracidade buscada não se vale mais de uma busca de um passado imutável, mas sim aquela que se forja na relação dinâmica entre o que se escreve/descreve/narra e o presente de quem o faz. Não se busca mais uma veracidade inquestionável, mas antes uma compreensão de como o passado, aquele vivido e sobrevivido em documentos e monumentos (LE GOFF, 1994), rastros (RICOEUR, 1997), sinais (GINZBURG, 1989) e mesmo lugares de memória (NORA, 1993) se mostram ainda como espaços privilegiados de uma compreensão do presente. (p. 83)

Para Albuquerque (2011), em sua obra “História: a arte inventar o passado”, temos que:

⁴ Uma mesa redonda que aconteceu na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em 6 de fevereiro de 2013.

A História seria movimento, seria ação criativa, invenção constante de novos lances, mesmo que seus sujeitos estejam limitados por regras, por normas, tenham que obedecer a regulamentos. A História é possível porque os homens, mesmo limitados por um dado contexto, por um conjunto de regras e prescrições, mesmo atuando em um espaço e um tempo delimitado, são capazes de driblar a potência do mesmo e a imposição de repetição e criar o diferente, a novidade, de produzirem a surpresa e o inesperado. A História, como jogo, faz-se de risco e habilidade, de variação e mudança, de limite e invenção, de regras imanentes e de restrições voluntárias. (p.173)

Ver a história como uma forma de expressar algo do passado a partir do presente, compreendido por meio de indícios, que podem ser encontrados em fontes orais e escritas, ou mesmo em objetos, nos possibilita criar versões plausíveis de um passado.

A história é inexata, repleta de regras e está em constantes mudanças. Uma pequena frase com grandes significados. Criar uma versão histórica de algo, não é uma tarefa fácil. Para tanto, a memória vem no sentido de ajudar a compreender e expressar o que foi vivenciado e/ou sentido pelas pessoas que participaram da situação pesquisada, deixando que a subjetividade de cada um interfira e enriqueça os relatos narrados. Segundo Jenkins (*apud* Souza e Silva, 2007, p.148) por mais que busquemos outras formas que nos ajude a compreender o que aconteceu realmente, nunca iremos encontrar.

(...) há o entendimento de que essa busca por causas e efeitos, continuidade e mudança, encontrada no ofício do historiador, obriga este a se posicionar, pesar, combinar e determinar importância aos acontecimentos que narra. (...) essa é a “inevitável dimensão interpretativa”, em que historiadores significam acontecimentos do passado de uma forma que representações literais não conseguiriam fazer. E segue afirmando que, embora existam métodos que se propõem a descobrir os acontecimentos da forma “como aconteceram”, não existe um único que possa afirmar de forma finalista e conclusiva o que os “fatos” significam. (p.148)

Neste sentido, buscamos na memória individual ou coletiva das pessoas que participaram do processo investigado, indícios que nos ajude a fazer uma releitura do que já se passou na visão de cada pessoa. Sendo que a memória individual possa ser dita como um processo intelectual de poder “guardar” em nossa memória algo que foi vivenciado por uma determinada sociedade em que o indivíduo estava inserido, no qual, cada pessoa possa relatar as situações que o marcou, e a memória coletiva que é a união das diversas memórias individuais sobre algo que uma grande parte da sociedade possa se recordar por meio da memória individual, tornando algo do passado em presente. HALBWACHS (1990) afirma que "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva,

[...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios." (p.51). Baseando-nos também em outros tipos de fontes, as fontes escritas, podem nos auxiliar na compreensão do passado⁵.

3. Memória: ponto chave para poder compreender uma história

É possível guardar em nossa memória, tudo o que vivemos e passamos em nossas vidas? Sem esquecer de detalhes como nomes, datas, como e onde aconteceu? Isso é muito simples de responder, basta fazer qualquer pergunta à alguém para relatar por exemplo “o que você fez na semana passada?”, é impossível encontrar alguém que relate de forma minuciosamente tudo o que foi feito, sem nada esquecer.

Na obra de Jorge Luis Borges (1975), *Funes, o Memorioso*, ele relata a vida de um personagem que retinha a totalidade dos acontecimentos de sua vida, vivendo e relembrando tudo de forma detalhada, por exemplo, para contar uma viagem que demorou uma hora, Funes precisava de uma hora para contar o que aconteceu durante esta viagem. Sendo muito difícil encontrar uma pessoa que possa guardar na memória tudo o que aconteceu em sua vida.

Na tentativa de compreender um pouco sobre memória, buscamos no dicionário Priberam e encontramos alguns significados como recordação, presente, “faculdade pela qual o espírito conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço”. Para tanto, observamos que a memória também pode ser dita como local em que estão armazenados tudo o que passamos e vivemos. Segundo Thompson (*apud* Cardin, 2008) “concluiu que o que realmente importa é que a memória não é um depósito passivo de fatos, mas um processo ativo de criação de significados” (p.175).

Diaz (2008) reafirma e apresenta outro olhar sobre como podemos entender o papel da memória:

O que realmente importa é ser a memória um processo ativo de significações e não apenas um depósito passivo de fatos. Nenhuma outra fonte possui em igual medida a subjetividade do expositor. Fontes orais contam-nos não apenas o que se fez, mas o que se almejava fazer, o que se acreditava estar sendo feito e o que se pensa que fez. Fontes orais são aceitáveis com uma credibilidade diferente: como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. (p.41)

⁵ O passado é uma ausência, o passado é uma inexistência que nos assombra, o passado é uma criação do presente, ou de outro modo, o passado é o que dele se diz no presente. O passado é uma composição à qual, no presente, eu procuro atribuir significados para o presente.(Garnica, Fernandes e Silva, 2011,p. 227)

Podemos dizer que as lembranças são armazenadas em nossa memória, sendo passíveis de criações, interpretações, podendo ser re-lembradas por meio de estímulos propositais ou uma ação rotineira que nem ao menos nos damos conta que estamos fazendo. Segundo Hermano, Oliveira e Machado (2008) “a lembrança é a sobrevivência do passado, a possibilidade de ativação das recordações, o elo entre passado e presente”.

É notório a forte a presença do passado em nosso presente, as lembranças se entrecruzam, nos dando um novo sentido ou um novo olhar pelo como nós entendíamos do nosso passado. Por meio da memória, buscamos algumas lembranças que são reinterpretadas, e nunca deixando de lado a subjetividade de cada um. Fazemos uma releitura do que passamos, assim, a nossa memória é construída por nossas experiências, do nosso olhar individual do mundo.

Por não sermos capazes de relatar o passado como realmente aconteceu, podemos somente fazer uma releitura do que se passou, reorganizar este passado com ideias de hoje. Essa lembrança é feita porque algumas situações nos trazem em nosso presente, as lembranças do passado.

Uma rica fonte de pesquisa, é como podemos denominar a memória de cada pessoal. Visto que, quando queremos buscar indícios que nos ajude a compreender situações que fazem parte de alguma forma da sociedade atual, podemos utilizar as fontes orais. Neste sentido, em uma pesquisa qualitativa na/para História da Educação Matemática, terá grande êxito em seu desenvolvimento se fizer do uso dos relatos das pessoas que participaram de forma direta ou indiretamente do processo pesquisado, onde poderão auxiliar na compreensão do objeto de pesquisa.

Muitas pessoas podem estar presentes nos mesmos locais e horários, mas, a memória coletiva pode não ser a mesma memória individual. Diaz (2008) diz que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda conforme o lugar ocupado e frisa que o próprio lugar mesmo muda segundo as relações mantidas com outros meios.” (p.39)

Neste sentido, iremos utilizar a memória dos professores que participaram da criação, implantação e estruturação do curso de formação de professores de matemática de Dourados, pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul em meados de 1980 a 1990, no qual, contribuiu para o desenvolvimento da região conhecida hoje, como "Grande Dourados".

Neste sentido, buscamos registrar os depoimentos desses ex-professores e ex-alunos que se propuseram a relatar suas lembranças sobre esse processo de grande importância para a região. Contribuindo com informações de grande valia que irá nos ajudar a compreender o processo de formação de professores na região da Grande Dourados.

Nos valeremos da História Oral como uma metodologia de pesquisa, visto que ela tem se mostrado um forte potencial metodológico que nos permite olhar para o passado a partir do nosso presente como uma prática que se torna muito rica com a utilização de fontes orais e escritas.

4. História Oral: como uma metodologia

Nesta pesquisa iremos utilizar a História Oral como metodologia de pesquisa de cunho historiográfico no campo da Educação Matemática, com todas as especificidades devidas que se concretiza. Nos últimos tempos, surgiram mudanças para se realizar uma pesquisa historiográfica, possibilitando a interdisciplinaridade e a utilização de vários tipos fontes. A diversidade de fontes mobilizada em uma operação historiográfica provoca a necessidade de ampliação das perspectivas metodológicas admitidas nessa operação. No caso dessa pesquisa, a História Oral vem sendo utilizada como uma metodologia para o exercício historiográfico proposto, ou seja, um recurso que nos tem auxiliado no registro de experiências profissionais por meio da entrevista e análise de documentos escritos. Ou seja, a utilização dessa metodologia não serve somente aos interesses específicos dessa investigação, mas aponta um caminho para criação e divulgação de fontes históricas.

A História Oral não assume somente o papel de viabilizar o uso de fontes orais que posteriormente são textualizadas, mas contribui para mostrar que não existe uma história verdadeira ao trabalhar com uma multiplicidade de olhares que a nós, pesquisadores, cabe registrar e interpretar.

Trata-se de entender a História Oral na perspectiva de, face à impossibilidade de constituir “A” história, (re)constituir algumas de suas várias versões, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações, considerando como elementos essenciais, nesse processo, as memórias desses atores – via-de-regra negligenciados – sem desprestigiar, no entanto, os dados “oficiais”, sem negar a importância de fontes primárias, de arquivos, de monumentos, dos tantos registros possíveis. Não havendo uma história “verdadeira”, trata-se de procurar pela verdade das histórias, (re)constituindo as como versões, analisando

como se impõem os regimes de verdade que cada uma dessas versões cria e faz valer. Historiadores orais são, portanto, criadores de registros; constróem, com o auxílio de seus depoentes colaboradores, documentos que são, na trama dessas concepções que alinhabei, “enunciações em perspectiva”. Documentos cuja função é preservar a voz do depoente – muitas vezes alternativa e dissonante – que o constitui como sujeito e que nos permitem (re)traçar um cenário, um entrecruzamento do quem, do onde, do quando e do porquê (GARNICA, 2004, p.87).

Para realizar a nossa pesquisa, iremos mobilizar as possibilidades e propriedades da História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa. Neste sentido, buscaremos criar um roteiro de entrevista que nos ajude a compreender o processo de criação, implantação e estruturação do curso de formação de professores de matemática em Dourados, para então realizar as entrevistas, a transcrição e as textualizações.

Segundo Garnica (2005), a metodologia não é somente um conjunto de procedimentos que devemos seguir para desenvolver uma pesquisa, é a relação dos procedimentos e nossos conhecimentos:

Um método sempre traz, em si, a noção de eficácia. Trata-se de engendrar um mecanismo que, de modo julgado eficaz, nos dê pistas para compreender determinada situação, resolver determinado problema, responder a determinada questão ou encaminhar determinados entraves. A eficácia, porém, será julgada segundo os pressupostos teóricos e vivências do pesquisador, e esse é o motivo principal de não se poder apartar uma metodologia de uma concepção de mundo e dos fundamentos teórico-filosóficos do pesquisador. Uma metodologia, porém – e portanto – não é um conjunto de métodos que possa ser tratado de um modo meramente procedimental. Isso pretende significar que os limites das metodologias e de seus pressupostos teóricos devem ser séria e continuamente testados, confrontados, avaliados.(p.6-7)

É importante salientar que a metodologia não é somente a realização das tarefas, ou seja, que não basta somente alcançar os procedimentos que são propostos pela História Oral. A metodologia nos chama, nos confronta com os nossos conhecimentos e os procedimentos, nos testa para verificar se está sendo válida ou não a utilização desta metodologia de pesquisa para alcançar os objetivos da pesquisa, se esta se adéqua à teoria que se mostrou mais consistente para avançar em relação à fontes produzidas.

A fonte oral, segundo Meihy (2011), é qualquer tipo de registro que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana e sua criação é o foco principal da metodologia História Oral. Conforme Meihy (2002), “A história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida. Quanto mais elas os contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento.” (p. 51).

Por ser uma oportunidade de o entrevistado narrar suas experiências, falar o seu ponto de vista sobre vários assuntos relacionadas a pesquisa, buscando em suas lembranças situações que o marcou de alguma forma, pois esses depoimentos são ricos em informações que possivelmente não conseguiríamos em documento escritos. Desta forma, sendo os depoimentos trabalhados em conjunto com outras fontes, nos possibilitará uma melhor compreensão do processo de criação, implantação e estruturação do curso de formação de professores.

Embora o foco da História Oral seja a criação de fontes a partir da oralidade, cada tipo de fonte possui suas singularidades e potencialidades, essa metodologia não descarta a articulação de outras fontes, pelo contrário, a estimula. Dentro de nossa pesquisa serão mobilizados mais fortemente dois tipos de fontes: as fontes escritas e as orais. As fontes escritas são responsáveis por conter principalmente os assuntos burocráticos do curso, como carga horária, corpo docente, disciplinas, contratação e transferências. As fontes orais (entrevistas) são ricas em experiências profissionais, opiniões sobre os processos de criação, implantação e desenvolvimentos dos cursos. Com essas fontes sendo analisadas juntamente, julgamos possível caracterizar o cenário em que o curso de formação de professores de Matemática (Habilitação e Licenciatura pela UFMS de Dourados) estava inserido na época, bem como seu processo de criação, implantação e desenvolvimento.

5. ...dos procedimentos

A História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa no campo da História da Educação Matemática tem alguns procedimentos que são importantes de serem esclarecidos. Inicialmente, é muito importante entrar em contato com os possíveis interlocutores para serem realizadas um primeiro contato, com o intuito de agendar as entrevistas.

Para a realização de uma entrevista que alcance os objetivos da pesquisa, foi necessária a criação de um roteiro para nortear o desenvolvimento da entrevista. Apesar de a entrevista ser semiestruturada, isso não significa que o entrevistador deva estar preso ao roteiro, desta forma a realizar as perguntas de forma mecânica e sem interagir com a entrevista. Neste sentido, Thompson (*apud* Junior, 2007),

Normalmente é muito melhor saber as perguntas, fazê-las diretamente no momento oportuno, e manter o roteiro em segundo plano. Ele é essencialmente um mapa para o entrevistador; pode-se recorrer a ele

ocasionalmente, mas o melhor é tê-lo na cabeça, de modo que se possa percorrer o território com segurança.

A entrevista é um procedimento muito comum a ser utilizado em pesquisas qualitativa. Garnica, Martins-Salandim e Souza (2007) diferenciam o uso de entrevistas em pesquisas qualitativas de forma geral para uma pesquisa em História Oral:

A diferença da utilização da entrevista como técnica adotada em História Oral tem fundamentos historiográficos, pois se coloca como um procedimento cuidadoso na constituição de fontes históricas. Seu desenvolvimento pode trazer à tona documentos escritos e fotografias cujo acesso, de outro modo, seria sensivelmente mais difícil ou até mesmo impossível.(p.5)

Após as entrevista, realizamos o processo de de-gravação da gravação, também chamado de transcrição, ou seja, o registro literal do momento da entrevista (embora reconhecida como impossível à apreensão de um momento dinâmico pela linearidade da escrita, essa é a direção para a qual se volta). São conservados vícios de linguagem, pausas, entonações, descrição de expressões, entre outros.

A textualização (procedimento que sucede a transcrição), por sua vez, é um exercício de caráter mais analítico, pois coloca o pesquisador na direção de interpretar o dito e construir uma narrativa mais fluente (a partir de reordenações, encadeamentos de ideias apresentadas em diferentes momentos da entrevista...) na direção de produzir um texto que, segundo ele, o interlocutor diria. Esse exercício traz consigo duas posições: a de dispor esse texto analítico no corpo dos trabalhos acadêmicos e a de encaminhar esse texto ao entrevistado para identificar se há um reconhecimento deste quanto a algo que ele efetivamente quis dizer.

Para concluir esse processo, é feita a carta de cessão. Este documento da ao pesquisador o direito de utilizar/publicar a narrativa produzida a partir das entrevistas. Uma das características da metodologia da História Oral é a preocupação ética e a disponibilização desses documentos criados de forma intencional.

Neste sentido, para esta pesquisa realizamos algumas entrevistas que nos nortearam para o início das análises. Realizamos todos os procedimentos descritos acima. Apresentamos no quando abaixo a relação de entrevistas que já foram realizadas.

Nome	Data da entrevista
Abramo Loro Neto	06-08-2012

Ana Maria Sampaio Domingues	05-11-2012
Edmir Terra	24-09-2012
Luiz Gonzaga Manzine	23-07-2012
Odival Faccenda	30-10-2012
Luiz Gonzaga Manzine e Odival Faccenda	25-11-2012

Tabela 1 - Listas dos professores

Estas entrevistas foram realizadas em 2012, e neste ano daremos continuidade com mais três entrevistas, com professores e ex-alunos do curso de Licenciatura em Matemática de Dourados- MS, oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (atual Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD). Durante a entrevista com o professor Luiz Manzine, o mesmo sugeriu que fizéssemos outra entrevista em conjunto com o professor Odival Faccenda, pois, juntos poderiam se recordar de assuntos esquecidos no momento da primeira conversa. Com a aprovação do professor Odival Faccenda, realizamos a entrevista em conjunto em uma bela manhã de domingo.

6. Resultados Parciais da Pesquisa

O ser humano tem uma importante capacidade de armazenar em sua memória, as experiências e as lembranças de vida de cada um. Cada memória é única, pois cada um possui um ponto de vista sobre as situações que enfrentamos cotidianamente e, a cada momento, quando questionado, tem a possibilidade de fazer novas leituras dessas lembranças, re-criando-as conforme o momento presente. Neste sentido, a memória é uma ferramenta indispensável para esta pesquisa, na qual, buscamos ouvir o ponto de vista de cada professor sobre o processo de criação, implantação e estruturação do curso, por meio da entrevista semiestruturada.

Deste modo, conseguimos criar uma versão histórica plausível sobre a criação, implantação e estruturação do curso de matemática. Mostrando a importância da memória de cada pessoal para a criação de uma história plausível aos indícios encontrados, por meio dos depoimentos das pessoas que participaram de forma direta e indiretamente do processo de criação do curso de matemática em Dourados-MS em meados de 1980 a 1990.

Pudemos notar que, nas entrevistas já realizadas, obtemos um primeiro olhar sobre a formação de professores de matemática oferecida pela Universidade Federal de Mato

Grosso do Sul- UFMS. Por meio dos depoimentos dos professores, conseguimos compreender algumas falas que se repetiram entre os depoentes, como o possível motivo para a criação do curso de formação de professores de matemática, pois existia uma grande escassez de professores por toda a região de Mato Grosso do Sul e, a participação ativa de professores advindos de outros estados na iniciativa de proporcionar uma formação em nível superior à população da Grande Dourados- MS.

7. Agradecimentos

Agradeço muito aos meus familiares, pois durante a minha ausência em minha residência em Dourados puderam cuidar do meu filho Caio. Sou muito grata pelo apoio e da grande ajuda de minha orientadora Luzia Aparecida de Souza e ao professor Thiago Pedro Pinto, juntamente com colegas de mestrado e professores. Participo do grupo de pesquisa HEMEP – financiado pelo CNPq e agradeço também o auxílio da bolsa do REUNI.

8. Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História: a arte de inventar o passado - Ensaio de teoria da história**. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2007. v. 1000. 254 p.

BLOCH, M. **Apologia da História ou O ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BUENO, R.P.M. **História e Memória: Perspectivas Sócio-Culturais**. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=139>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2013.

CARDIN, E. G. **Sentir, pensar e querer: a utilização do estudo da memória como recurso pedagógico**. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/2465/1958>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2013.

CURY, F. G. **Uma Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. Rio Claro, 2011. 201f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2011.

DIAZ, F.S. **Os Movimentos Sociais na Reforma Psiquiátrica: O “Novo” na História da Psiquiatria do Brasil**. Disponível em: www.fiocruz.br/ppghcs/media/tesefernandosobhie.pdf. Acessado em: 25 de fevereiro de 2013.

GARNICA, A.V.M. **A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática: um estudo do caso brasileiro.** Disponível em:

http://www.jurandirsantos.com.br/outros_artigos/ho_a_historia_oral_como_recurso_para_a_pesquisa_em_educacao_matematica_um_estudo_do_caso_brasileiro.pdf. Acesso em: 20 de Dezembro de 2012.

GARNICA, A.V.M; FERNANDES, D.N; SILVA,H. **Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: Notas sobre Regimes de Historicidade e História Oral.** Disponível em:

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/5745>. Acessado em: 20 de agosto de 2012.

GARNICA, A.V.M; MARTINS-SALANDIM, M.E; SOUZA,L.A.DE. **História Oral na Educação Matemática: Possibilidades.** Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.sbem.com.br%2Ffiles%2Fix_enem%2FMinicurso%2FTrabalhos%2FMC29408629825T.doc&ei=kzw5UZrHA5Og8gSmyYCIDg&usq=AFQjCNEjzQdE7yBUhnq-wtakkhcNjNBoYw&sig2=SJ3jD2Hddo7OjV4Gin1EfQ. Acessado em: 13 de novembro de 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Disponível em:

<http://www.patio.com.br/labirinto/memoria%20coletiva.html>. Acessado em: 25 de março de 2013.

JUNIOR, E.T.S. **História Oral e as Ciências Humanas.** Disponível em:

<http://www.foa.org.br/cadernos/edicao/03/61.pdf>. acessado em : 2 de Março de 2013.

MEIHY,J.C.S.B.,**Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola,2002

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto. 2011.

MONTAVÃO, K. **Recompondo Memória e Tecendo História:**

A História Local Revisitada na Trajetória do Fundador da Cidade de Montalvânia.

Disponível em: <http://www.campus12.uneb.br/texto/artigos/memoria.pdf> . Acessado em: 1 de Março de 2013.

SANTOS, M.P. **História e Memória: Desafios de Uma Relação Teórica.** Disponível em:

https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:E4KdfnhSQyIJ:www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/download/9331/6423+&hl=pt-R&pid=bl&srcid=ADGEEsjmvE75jMCnCX8E-OcxTykX0aDLWM-SMgSVMT7if4A6fDyx-9zZPBo3Bo5HR0QWuKTYnd4zaHMztt7TTszDXQNPXHjWbPZUXCZ_NW4FJT8O6zTX0vgYhYQ5nuRxPhWiJUMTWPJ&sig=AHIEtbQk_TLiIJ-91GIFKPoY2aU_SakN6w. Acessado em: 13 de fevereiro de 2013.

SILVA, H.; SOUZA,L.A. **A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática.**

Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/1535>. Acessado em: 18de dezembro de 2012.

PADRÓ, E.S. Usos da memória e do esquecimento na História. Disponível em:
<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num4/ass02/pag01.html>. Acessado em: 1 de março de 2013.